



A REPRESENTAÇÃO DO PODER E DA IDENTIDADE NA OBRA DESONRA, DE J. M. COETZEE

Daniela Bombardelli *
Taira Giacom Hatem **

Resumo

Este artigo apresenta uma análise da questão da representação do poder e identidade no livro, Desonra de J. M. Coetzee. O livro conta a vida do professor de poesia David Lurie, o qual não se adapta a realidade tumultuada da África do Sul depois do Apartheid, onde David se assusta com a rígida regra de sua universidade, bem como a irregularidade pela disputa da terra dentro do seu país em que vive sua filha. O enfoque, da representação do poder e identidade são estudados por meio dos pressupostos de Estevão de Rezende Martins e Stuart Hall.

Palavras-chave: Sociedade; Identidade; África do Sul; Poder; Apartheid.

Abstract

This article presents an analysis of the issue of the representation of power and identity in the book, Disgrace J. M. Coetzee. The book tells the life of Professor David Lurie poetry, which does not fit the tumultuous reality of South Africa after Apartheid, where David is frightened by the rigid rule of his university as well as the irregularity of the disputed land within the his country where his daughter lives. The focus of the representation of power and identity are studied by means of the assumptions of Estevão deRezende Martins and Stuart Hall.

Keywords: Society; Identify; South Africa; Power; Apartheid.

* Daniela Bombardelli

Professora de Séries Iniciais e de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa em Sarandi-RS

Graduada em Letras/Inglês pela URI-Frederico Westphalen-RS, Mestranda em Letras/Literatura Comparada pela URI-Frederico Westphalen-RS

danielabombardelli@hotmail.com

** Taira Giacom Hatem

Professora de Língua Portuguesa, de Língua Inglesa e de Literatura em Três Passos-RS

Graduada em Letras/Inglês pela URI-Frederico Westphalen-RS,

Mestranda em Letras/Literatura Comparada pela URI-Frederico Westphalen-RS

taniragiacon@gmail.com



REVISTA
MEMORARE



www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

Considerações Iniciais

A partir da obra *Desonra* de J. M. Coetzee, abordaremos a análise da obra sobre o enfoque do protagonista David e sua vida numa sociedade fortemente marcada pelo pós apartheid, de acordo com os pressupostos teóricos de Estevão de Rezende Martins, autor da teoria *Poder e Cultura* e Stuart Hall, com a teoria *Identidade*, porém ambas vão ao encontro do que se pretende verificar neste estudo.

Vamos analisar a teoria de Estevão Rezende Martins, ressaltando a influência das relações de poder com a comunidade onde está inserida a obra *Desonra*, levando em consideração os valores políticos e morais, onde estão presentes os recortes políticos formais, bem como sua consolidação da sociedade tornando-se um dos pontos mais importantes na África do Sul.

A obra *Desonra*, está inserida numa sociedade fortemente marcada pelo regime apartheid que era governado e controlado pelos brancos europeus que decidiam e fundavam leis, impondo-as na sociedade e dessa forma vamos analisar a identidade dos personagens num romance que sofre os reflexos dessa sociedade.

Estudos de Identidade e Poder à luz das teorias de Stuart Hall e Estevão Rezende Martins

No texto intitulado “Stuart Hall- A Identidade em Questão” (*Identidade Cultural na Pós-modernidade* – p. 07-22), observamos como estão surgindo as identidades novas, ou seja, a “crise de identidade” é enxergada como um fragmento de um mecanismo complexo de transformações ao passo que as centralizações e estruturações sociais da atualidade estão sendo deslocadas, modificando, com isso, as estatísticas de referências, os alicerces dos indivíduos, da sociedade estável.

Assim, as atuais identidades se caracterizam por serem “descentradas”, com fragmentos e deslocadas, segundo o referido texto acima, e o próprio conceito de identidade é amplo e complexo, uma vez que não encontramos muitos desenvolvimentos acerca do mesmo nem uma compreensão adequada nas ciências sociais da contemporaneidade a fim de que o colocamos à prova.

Para aqueles (as) teóricos (as) que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais,



abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (angelfire.com)

Conforme salienta o crítico cultural KobenaMercer: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” (MERCER, 1990, p.43) Mas serão os tempos modernos que estão sendo transformados, então? Esta questão é tratada no texto do site Angelfire sobre Hall, citado anteriormente nos parágrafos.

Desde o Iluminismo a essência de nosso ser como sujeitos humanos sofre tentativas de definição, o que vem a acalantar as concepções de identidade, de modo distinto, consoante o texto sobre Stuart Hall, isto é: identidade do sujeito do período do Iluminismo, o sujeito da sociologia, juntamente com o da pós- modernidade. Quanto ao primeiro, era o que se baseava na razão, centrado, cheio de dotes de unificação interior; era a identidade de uma pessoa, cuja concepção era mais individualista do indivíduo e de sua identidade.

O segundo, dotado de complexidade- espelho do mundo moderno, tinha pessoas fundamentais para sua vida, mediadores de valores, simbologias e significados. Já o último não possui uma identidade permanente nem fixa. A identidade, neste caso, é uma entidade móvel, que se formou e se modificou, segundo o texto sobre Stuart Hall, num contínuo relacionamento com os modos pelos quais as pessoas são representadas ou interpeladas nos sistemas de culturas que as rodeiam. (Hall, 1987) É um processo histórico e não biológico.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (Hall, 1990).

São três concepções simplificadas de sujeito, tornando-se de caráter mais complexo e qualificado, conforme é desenvolvida a argumentação, relevando o fator de que o caráter de modificações na modernidade atrasada é essencial.

Outro teórico importante ao nosso estudo aqui focalizado é o que condiz aos pressupostos a respeito da representação do poder. Tratamos de analisar os estudos de Estevão de Rezende Martins, no texto denominado “Cultura e Poder”, os quais se referem à cultura como uma incógnita no cenário moderno internacional, sendo que a mesma

abrange os elementos distintivos pelos quais cada indivíduo refere sua identidade pessoal ao conjunto de fatores que a definem: língua, espaço, época, religião, parentesco, sexo, liames particulares, enfim, o feixe de interseções historicamente dado que é processado e incorporado subjetivamente por cada pessoa. (MARTINS, 2007, p. 30)

A cultura histórica, em sua dimensão ampla, remonta ao fato de que o sujeito deve se situar em algum lugar no mundo; não é se trata do físico e, sim, do aspecto racional dessa localização a que está se referindo, uma vez que a sociedade pós-industrial complicada que cita Martins, no mencionado texto, frequentemente é articulada pela memória, seja ela vinculada pela lembrança particular ou pessoal do indivíduo, seja pela cultura de sua sociedade.

A identidade individual também é classificatória, pois o local ou ambiente de cultura do sujeito alude ao fator condicional possível a se produzir a história referida ao meio correspondente, segundo afirma Martins. Fato, este, que evidencia a importância da memória ou resgate da história como incisiva função na construção da identidade.

É o que sublinha Martins neste trecho:

A cultura histórica- individual genérica ou formal científica- é um produto da consciência histórica, sob a forma de memória histórica, indispensável para a orientação do homem em sua vida prática, em suas decisões no cotidiano, definição de suas metas, enfim, para sua auto-afirmação e para sua relação com os outros. (MARTINS, 2007, p. 35)

Em outras circunstâncias, Martins descreve os exemplos da questão confrontual e interacional da cultura no modo de ver da relação de poder da realidade colonial da atualidade, ao citar que a cultura da Europa entrou num conflito com as culturas longínquas nos outros continentes, impondo-se pela força e atingindo o domínio e tornou-se aspecto decisivo para que ações fossem estabelecidas em âmbito regional e local, tanto de negligência quanto de forma de desprezo das culturas oriundas. É o caso da África do Sul e da Austrália, porque naquela a história dupla da colônia holandesa e britânica, e o menosprezo que as culturas negras revelavam, foram a desencadear o regime político doapartheid.

O conflito de culturas, em detrimento da cultura majoritária [...], deu-se na perspectiva histórica da negação sistemática, por parte dos grupos sociais dominantes brancos de origem europeia, da humanidade e da história das demais comunidades. (MARTINS, 2007, p. 38)

A questão da representação do poder é vista por Martins como fator da história e da política oficial das sociedades contemporâneas. Cada indivíduo quando nasce é inserido em meios culturais emergentes, seja formal ou sistematicamente. A modificação dos pontos



opcionais adquiridos em opções próprias de agir e de pensar é um indício de que, conforme Martins, emergem e se consolidam as densidades políticas de poder cultural, ainda que haja um limite demarcado de campo de atuação regido por requisitos, a exemplificar: o ordenamento jurídico.

Obra *Desonra* em seu contexto histórico

A obra *Desonra* de J. M. Coetzee, está inserida numa conturbada sociedade na África do Sul, pós-apartheid, esse período foi marcado por muita luta da população para terminar com as regras impostas pelos brancos europeus numa sociedade negra. Uma das regras era a proibição do casamento entre negros e brancos, bem como a proibição da sua circulação em determinadas áreas da cidade e a educação diferenciada nas escolas para as crianças negras. Esse período foi até 1990, quando o seu maior líder Nelson Mandela é libertado da prisão, mas mesmo estando lá ele nunca abandonou seu povo tão sofrido pela imposição branca européia.

Com o assar dos anos, o mundo começou a se importar com a precária vida da população da África do sul, recebendo colaborações econômicas, servindo de pressão para acabar com o regime de poder atual. O fim do apartheid deu-se em 1990 através de várias medidas de Nelson Mandela, como sua própria libertação da prisão que estava lá desde 1964 e por lutas com regime de segregação racial. Já em 1994, Nelson Mandela tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul.

A história da obra *Desonra*, tem como protagonista o professor universitário David Lurie de 50 anos, que vive com sua filha na África do Sul nos anos 90, pós apartheid. David se envolve com uma aluna negra de 20 anos que devido a cobrança da família, acaba denunciando o professor por assédio sexual. Assim, o professor de poesia passa por uma série de investigações e por uma comissão que alega a condição de pedido de desculpa para a jovem e somente assim, o professor poderia permanecer na universidade. Assim: “[...] os membros desta comissão tem mais o que fazer do que perder tempo com uma história que não vai ser contestada. [...]” (COETZEE, 2000, p. 59). A atitude de David causa espanto perante a comissão julgadora e geram inúmeras tentativas para que o personagem siga dentro dos padrões sociais.

David não ignora o pedido de desculpas e alega ter se apaixonado pela moça e que o desejo o possuiu e que não se arrependia de nenhuma de suas atitudes. Como a grande parte dos escritores, David também quer ser um imortal, mas seus livros não fazem sucesso porque não dizem nada de significativo para os leitores.

O livro *Desonra* divide-se em 24 capítulos e já no primeiro temos o caso segredo de David com uma prostituta e o protagonista deixa claro que é a favor de vidas duplas, podendo

relacionar-se com outras pessoas também. A história segue com o seu caso com a aluna que é descoberto onde Davis passa a viver uma vida complicada, já que na África do Sul, não é permitido que uma mulher negra conheça um homem branco. Outro acontecimento que marcou a vida de David é o estupro de sua filha Lucy, deixando marcas profundas em ambos e com isso, decidem mudar-se de cidade em busca de uma vida um pouco mais tranquila. Assim David tem consciência do quanto a África do Sul ainda tem seus ressentimentos mesmo após o apartheid. A obra *Desonra* investiga as relações de raça, classe social e sexo entre o sofrimento do passado e uma sociedade atual explosiva.

Análise da obra *Desonra* com os pressupostos teóricos de Hall e Martins.

O texto de Paula Fernanda Ludwig chamado “Incomunicabilidade e experiência corporal em *Desonra*, de Coetzee” supõe que a obra de Coetzee é recurso para se explorar várias perspectivas. Todavia, aqui neste estudo pretendemos focar alguns trechos, especificamente, acordando com os temas da questão da identidade e da representação do poder no texto de J. M. Coetzee.

O livro *Desonra* narra a história de David Lurie, um homem solitário que se desgraça por causa das condições sócio culturais nas quais convive. Lurie é professor universitário de literatura, de formação voltada ao humanístico, não conseguindo conciliá-la ao desejo amoroso que sente por uma aluna sua nem aos regimentos universitários considerados politicamente corretos de seu trabalho. Estando ciente dos perigos a que se expunha, mesmo assim ele, por sua vez, mantém um caso com a aluna, o levando a ser acusado de estupro. Expulso da universidade, viaja a fim de reencontrar sua filha, a qual vive na zona rural e também sofre abuso.

Lá no campo, David Lurie, atormentado por sentimentos e frustrações, entra em contato com a África do Sul oriunda pós-apartheid, cuja cena é de violências, brutalidades e ressentimentos. Por meio de personagens ricas, vivas, com uma narração que magnetiza quem o ler, o texto de Coetzee faz alusão ao inquérito investigativo dos relacionamentos decorrentes das raças, dos sexos, das classes e foca os confrontos entre a exploração passada e a prestação de contas do presente, além de tratar a dicotomia entre a condição social conflitante com a cultura humanista.

Na narrativa, dois acontecimentos marcam o desenrolar de Lurie, demonstrando representações de poder, ambos tendo ligação com a violência sexual. Um, na qual uma de suas alunas, com quem ele mantinha encontros amorosos, o acusa de estupro. Depois, um crime em que sua filha foi a vítima. Estevão de Rezende Martins ressalta no texto “Cultura e Poder”

(2007) que a memória histórica desenvolve uma essencial função quanto à construção da identidade.

Martins faz referências a outro estudioso denominado Ernest Gellner, ao descrever que “pertencer a uma nação é um atributo inerente à humanidade, e tem de ser reconhecido como tal.”(MARTINS, 2007,p.49) Isto mostra como um sujeito ou indivíduo tem que ter uma nacionalidade ao passo que seu corpo possui sentidos essenciais à sua existência.

Paula Fernanda Ludwig salienta que a denúncia de estupro realizada pela aluna motiva a audiência que submete Lurie a vexames na universidade na qual trabalha, apontando a um sujeito transgressor de uma conduta de normas perante os profissionais que almejam a solução dessa transgressão, na tentativa de caracterizar um painel de estabilidades.

Lurie mantinha sentimentos de poder diante da aluna, uma vez que resistia ao protocolo universitário, levantando espanto e inquietação na audiência, focando como a personagem estava sendo condicionada a seguir os procedimentos das normas próprias do sistema institucional, segundo afirma em seu texto Ludwig: “ ‘Muito bem’, continua, ‘eu confesso’” (COETZEE, 2000,p.63). “ ‘Você não acha’, diz Swarts, ‘que a natureza da vida acadêmica exige certos sacrifícios? Que para o bem de todos devemos nos furtar a certos prazeres? (...) como professores ocupamos posições de poder’” (COETZEE, 2000,p.63-64). E as reações dão continuidade na história.

O próprio professor David assume papel de dominador do poder, na obra: “(...)como professores ocupamos posições de poder.” (COETZEE, p. 63-64). Este trecho evidencia o que Stuart Hall fala no texto “A identidade cultural na pós-modernidade” (2005), pois o indivíduo é membro de uma sociedade, de um grupo, estado, classe ou país, de um lar seu. Stuart menciona Gellner(1983), dizendo que um homem deve possuir nacionalidade, evidenciando como a personagem Lurie reflete esse argumento.

Neste trecho da obra Desonra notamos o poder dos homens estupradores e bandidos sobre o professor David Lurie e sua filha:

Esfrega o rosto como um louco; seu cabelo estala ao se incendiar; ele se debate, soltando urros sem palavras, só medo. Tenta se levantar, mas é forçado para baixo outra vez. Por um momento, sua visão fica clara e ele vê, a centímetros do rosto, o macacão azul e um sapato.(COETZEE, 2000, p. 112)

A história da violência com os animais, no meio rural da filha do professor, do abuso sexual e físico dela e dele, respectivamente, denotam a representação do poder, dessa vez pelos bandidos, que são considerados os donos, colocando sua filha em seu lugar, mostrando, segundo eles, para que serve uma mulher. (idem, p. 133)

De acordo com os pressupostos de Stuart Hall, na obra *Desonra* notamos a identidade presente do protagonista David marcada pela crise de identidade devido a estruturação da sociedade pós-apartheid, onde a mesma ainda vivia esses reflexos, mediante a postura das pessoas ao descobrir que um homem branco de 50 anos estava tendo um romance secreto com uma jovem negra.

Os estudos de Hall dizem que a cultura nacional produz sentido com algo que podemos nos identificar e assim, podemos construir uma própria identidade, por meio de memórias servindo de referência para uma formação da identidade de nação. É nesse sentido que a sociedade da época em que a obra *Desonra* está inserida é ressaltada por várias proibições como a proibição na circulação de pessoas negra rua, o direito ao voto somente para a minoria dos brancos presentes na sociedade, bem como a proibição de casamento entre negros e brancos. Sendo assim, isso contribui para a cultura nacional do país na época do apartheid.

Segundo Hall, atualmente vivemos numa sociedade em que está em crise de identidade, devido as mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos anos, devido o deslocamento das estruturas e processos centrais da sociedade. Já na obra *Desonra* encontramos a fragmentação da identidade, presente nas classes sociais, a etnia e a raça da África do Sul estabelecida pelas classes sociais.

Considerações Finais

Ao finalizarmos este artigo, compreendemos melhor sobre a influência do pós-apartheid na obra *Desonra* representada pelo protagonista David, à luz das teorias de Stuart Hall com o seu texto *Identidade* também do estudioso, Estevão de Rezende Martins, autor da teoria *Poder e Cultura*.

Ao estudarmos sobre a obra *Desonra*, entendemos que é um romance forte e faz uma alegoria a África do Sul, onde o protagonista David e sua filha Lucy sofrem os reflexos de uma sociedade conturbada e que não conseguiu superar os acontecimentos do passado. É nesse sentido que o personagem é demitido da universidade em que trabalhava devido ao caso secreto e, em seguida, desvendado a sociedade e chocando-a por tamanho acontecimento. Sendo assim, David decide morar com sua filha em outra cidade e é nesse instante em que ele percebe o quanto seu país não esqueceu seu passado, devido a imposição da sociedade da época.

O período pós-apartheid marcou gerações, deixando marcas profundas nas pessoas de submissão perante os governantes brancos, que dominavam seu país de uma maneira totalmente autoritária e desumana como uma política social e racial implantada onde apenas os brancos tinham direito ao voto, as pessoas negras não podiam conversar com as brancas. O fim do



apartheid dá a partir do momento em que o mundo se solidariza com um país marcado pela política racial, com a queda do governo de minoria branca e com a libertação do maior líder da África do Sul, Nelson Mandela que posteriormente volta a comandar o país dando uma nova vida a população.

Finalizamos com a análise da obra *Desonra* à luz da teoria de Stuart Hall e entendemos que a questão as velhas identidades, que muitas vezes estabilizaram o mundo social, estão em declínio e com isso gera novas identidades e fragmentos do indivíduo moderno. É que o protagonista da obra *Desonra* vive diversos conflitos de identidade cultural, no momento em que ele se depara com uma sociedade que ainda está sobre a forte influência dos acontecimentos de repressão e submissão da sociedade pós-apartheid. Já para o estudioso Estevão de Rezende Martins, o poder está relacionado ao comando próprio à uma comunidade ou estado. Assim o poder na obra *Desonra* está ligado com o modo de ser de cada indivíduo, por meio de uma sociedade comandada por pessoas autoritárias que estabeleceram um padrão de vida a sociedade da África do Sul.

Referências

<<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>>

<<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?>>

<<http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20PDF%20>>

COETZEE, J. M. *Desonra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARTINS, Estevão de Rezende. *Cultura e Poder*. 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2007.

